PARADIGMAS

“ Só sei que nada sei “

Gustavo M. de Abreu - dwidja@war.com.br
Tiago A. S. Sowmy - tiagosowmy@hotmail.com

São Paulo - Abril de 2001

Os Paradigmas

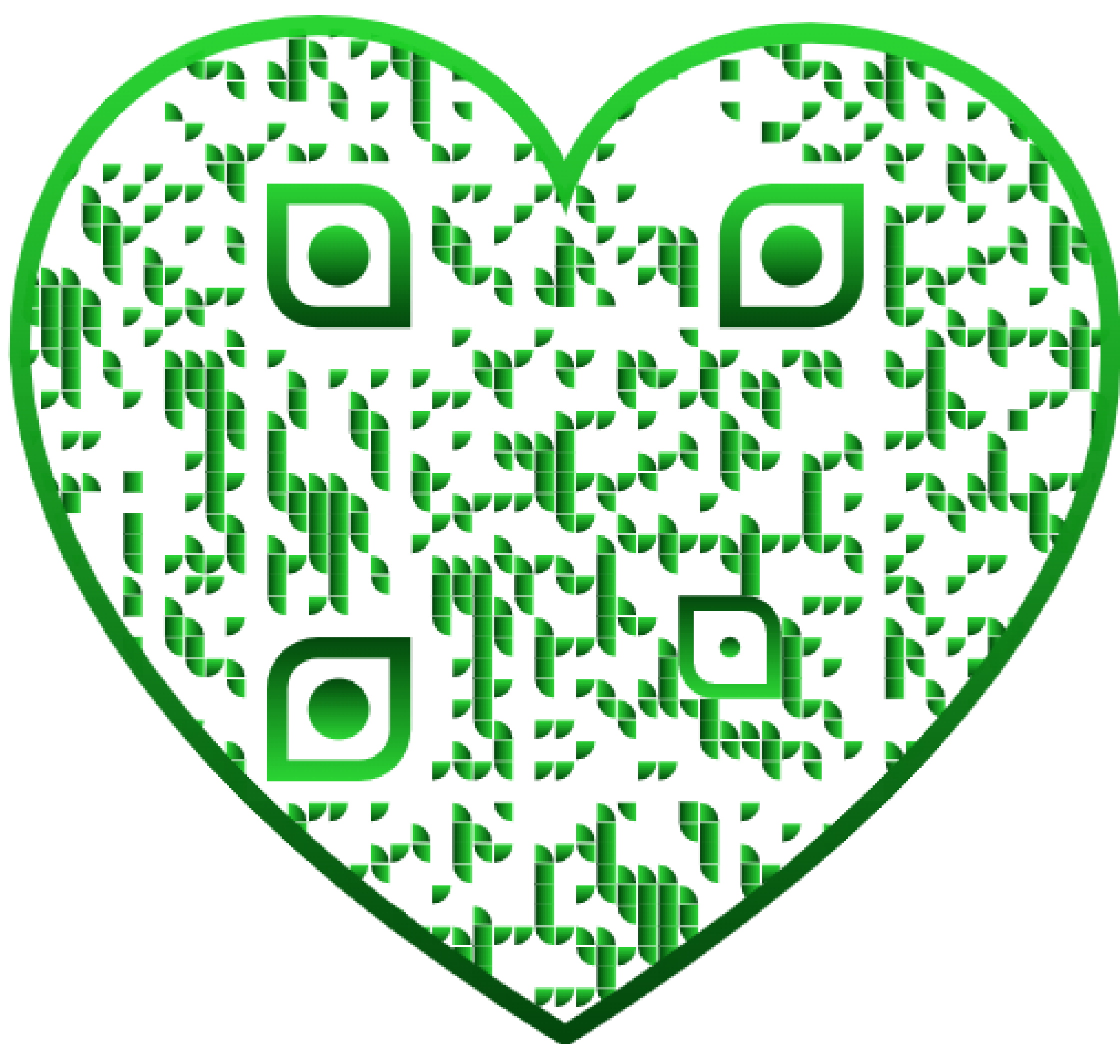
- *Gustavo Mormesso de Abreu* -

É provável que você alguma vez já tenha ouvido falar em PARADIGMA. Essa palavra, comumente empregada em referência à ciência, cada vez mais vem sendo utilizada nos mais diversos argumentos e discussões, sejam de cunho filosófico ou espiritual. Lentamente, esse conceito vem adentrando nosso dia-a-dia, despertando novas indagações. O que tem a ver, porém, essa simples palavra com a vida de cada um de nós? O que há de tão importante nesse conceito para merecer o foco de nossa atenção?

Antes de responder a essa pergunta, vamos primeiramente levar nossa consciência ao passado, em busca da compreensão da origem do termo e de seus significados:

A palavra paradigma deriva do grego *parádeigma*, significando modelo, padrão, estalão.

Thomas Khun, físico e filósofo da ciência explora em sua *Estrutura das Revoluções Cientificas*, de 1962, a importância dos paradigmas para o desenvolvimento da chamada “ciência normal”. De acordo com sua exposição, os paradigmas atuam como conjuntos de regras, modelos e padrões responsáveis por sustentar e focar os esforços de obtenção de conhecimento científico. Seriam como “guias”, dando rumo às investigações dos cientistas.



A utilização de um paradigma, ou seja, de um conjunto específico de pressupostos teóricos, permitiria aos estudiosos deter sua atenção a questões mais profundas e detalhadas, investigando-os minuciosamente. De outro modo, sem o embasamento de um paradigma vigente, a ciência torna-se por demais tênue e inobjetiva, necessitando cada investigador desenvolver uma explicação a cerca de todos os fundamentos básicos do tema estudado.

O progresso do conhecimento científico dá-se através das chamadas *revoluções científicas*, ou trocas do paradigma vigente por um outro mais adequado. Essas revoluções surgem de crises geradas por *anomalias*, ou problemas graves cada vez mais freqüentes na explicação do paradigma vigente, surgindo a necessidade de substituição. Quando um novo paradigma emerge, capaz de melhor explicar os fenômenos e anomalias em questão, e este é aceito pela comunidade científica em sua maioria, ocorre uma revolução científica. Um exemplo dessa revolução foi a surgimento da física relativista proposta por Einstein, cuja explicação de mundo parecia mais acurada do que a explicação newtoniana anteriormente aceita.

A atuação e importância dos paradigmas não se resumem, porém, meramente a questões científicas. Esses valores, regras ou padrões estão de tal modo arraigados em nosso ser, que comandam cada ação e pensamento de nossa vida sem que sequer tomemos consciência de sua existência.

Pensemos por um instante em nossas ações diárias. Recordemo-nos dos momentos em que pagamos uma conta, entramos em uma igreja, realizamos um trabalho espiritual, beijamos nosso companheiro ou companheira, assistimos a uma aula. Lembremos também do modo como realizamos cada uma dessas tarefas, e façamos então a pergunta: o que nos levou a agir de tal modo e não de maneira diferente? Essa escolha entre atitudes foi baseada em experiência pessoal, ou aprendida de alguma outra forma?

Certamente é uma pergunta difícil de ser respondida. Não devido à alguma complexidade existente, pelo contrário, a questão é bem simples e direta. O que ocorre é que estamos tão condicionados a aceitar influências externas que não sabemos mais separar o que é verdadeiramente nosso e o que não é. Até porque o costume de olhar para si mesmo e observar-se profundamente não é freqüente nem estimulado.

A própria estrutura social em que vivemos, sob todos os aspectos, é grandemente responsável por tal comportamento. Nossa educação, seja básica, fundamental ou superior, é baseada em um método reprodutivo, de transmissão de informações prévias, onde não há espaço para questionamentos ou para formação de um conhecimento original. Através da educação paternal atual, do modelo "professor-aluno" de transmissão de conhecimentos - no qual os estudantes vão à aula unicamente para ouvir o que um professor irá dizer - e em tantos outros padrões espalhados por nossa sociedade, aprendemos a assimilar de modo subserviente e passivo o meio externo. Aprendemos a não questionar, nem o outro, nem nós mesmos. O curioso é que quando fazemos isso estamos na verdade nos esquecendo de viver!

Muito radical essa afirmação? Então atentemo-nos um pouco aos detalhes e levemos nossa consciência novamente ao passado e às ações diárias:

É provável que você se lembre muito bem de seu primeiro beijo, por exemplo. Pois bem, lembre-se agora de como surgiu essa ocasião do primeiro beijo. Faça um esforço, e tente lembrar de quantos anos você tinha, dos pensamentos que passavam por sua cabeça na época, e responda para você mesmo: Porque eu dei meu primeiro beijo com essa idade? Por necessidade, para que me sentisse bem? Claro, mas de onde surgiu essa necessidade? O que fez com que eu sentisse esse grande desejo ou curiosidade de beijar alguém? Busque a raiz de seu comportamento, vá até o mais fundo possível e tente perceber a origem da necessidade. Se era esta verdadeiramente devido a fatores internos, ou se era algo aprendido e gerado devido ao meio.

Pode parecer um exemplo bobo - bem provável que o seja -, mas se o leitor se atentar verá que pode ilustrar bem a situação que tento explanar. Continuemos, então, com algumas outras considerações;

Pensemos agora nos discursos que usamos diariamente, em cada argumento utilizado a cada diferente situação. O que dizemos é fruto de experiência, refletindo o que realmente vivenciamos, ou é mera reprodução de um discurso externo? Nossos pensamentos são realmente nossos, ou são ecos de vozes alheias, reproduzindo-se em nosso espaço mental?

Por mais difícil que seja, olhe atentamente. Lembre-se dos conselhos que damos aos amigos, das informações que passamos para frente. De onde tiramos essas informações? De nossa experiência? Ou passamos adiante algo que simplesmente lemos em algum lugar, ou ouvimos de um professor "competente"?

Quantas e quantas vezes emitimos julgamento sobre o discurso de outras pessoas, criticando-o, achando-o até absurdo, baseando-nos para isso em uma vivência que não é nossa, mas sim dos autores dos livros que lemos e das palestras que assistimos. Quantas vezes desconsideramos a pessoa por seus argumentos serem contrários aos nossos valores mais profundos, esquecendo que estes muitas vezes baseiam-se em pura CRENÇA.

Façamos um real balanço de nossa vida, de todo o conjunto de valores que possuímos e experiências por que passamos. Deixemos de lado por alguns instantes tudo o que aprendemos indiretamente durante toda a jornada de nossa vida, despojando-nos de todas as informações, pré-conceitos, valores e idéias introduzidos através de leitura, diálogos, ou qualquer outro meio externo. Façamos isso, e respondamos honestamente: O que sobrou? Quanto de nosso ser é realmente nosso, fruto de verdadeira experiência, obtida diretamente? De quem é a vida que vivemos nesse momento?

Provavelmente nos surpreenderemos com a resposta. Estamos tão acostumados a acreditar em tal sorte de coisas, tão habituados a tomar tantas e tantas crenças como verdades incontestáveis que acabamos por não nos preocupar em vivenciar o que aprendemos. Acreditamos firmemente quando cientistas nos dizem que a matéria é composta por átomos, mesmo que estes nunca tenham sido verdadeiramente vistos. Afirmamos certeza ao discursar sobre os mais detalhados aspectos de teorias religiosas e espirituais, mesmo que não tenhamos vivenciado plenamente a realidade das palavras que proferimos, ou dos fenômenos que ocupamo-nos em explicar.

Essas crenças básicas que caracterizam a nossa vida, fazendo parte da maioria absoluta de nosso repertório de experiências, são na verdade os *paradigmas* a que este texto se refere. Como pôde ser visto, não se trata apenas de um conjunto de regras e padrões determinantes de um contexto científico. Muito além disso, trata-se das unidades básicas pelas quais geralmente formamos as nossas idéias e opiniões. O nosso contato com esse termo inusual é certamente muito maior do que poderíamos anteriormente imaginar.

Não quero com essas palavras dizer que os paradigmas são de todo ruins ou indesejáveis. Pelo contrário, eles têm grande utilidade, pois nos permitem focar certos objetivos, investir melhor nosso tempo. Podemos mesmo dizer que a nossa forma atual de vida seria impossível sem a presença de paradigmas. (ou não será isso um paradigma?)

O importante é atentar-se a eles, entender a sua origem e as conseqüências de cada valor internalizado. É ser coerente e verdadeiro para consigo mesmo, buscando a experiência de modo direto e não por mera reprodução de experiências alheias. É construir os valores através de uma experiência pessoal, deixando de ACREDITAR e passando a SABER.

O modo pelo qual a sabedoria se dá não importa. A certeza vem, de dentro, e por todos os lados, cabendo a cada um descobrir como buscá-la.

Possamos primeiramente ter coragem e discernimento para aceitar a ignorância sobre nosso próprio ser e o mundo. A partir daí, possamos buscar juntos a sabedoria, o verdadeiro conhecimento sobre a realidade que nos cerca. Quando essa busca se originar de dentro, de dentro também a experiência virá. Deixaremos então de pensar por pensar, e passaremos a sentir. Deixaremos de acreditar, e passaremos a saber. Deixaremos, por fim, de nos imaginar. Passaremos a ser, simplesmente SER.

.

Paradigmas e a Mente

- *Tiago A. S. Sowmy* -
(25/03/2001)

A mente é essencialmente um instrumento de identificação, que classifica os objetos por ela percebidos. Ela usa para isso referências pré-concebidas de outras experiências.

Isso não quer dizer que a mente faça uma depuração boa da realidade, já que ela é passível de erro, cabendo ao ser humano discernir entre o certo e o errado usando outros meios.

A mente precisa, então, de um pano de fundo para trabalhar. Esse pano contém regras e exemplos obtidos que são frutos de nossas experiências passadas.

Cada vez que mudamos esse pano de fundo, ocorre uma quebra de paradigma; ocorre uma mudança na nossa forma de pensar e até uma mudança no sentir.

O maior problema é que nos apegamos de tal forma a esse pano de fundo que nos esquecemos de sua fragilidade. O apego escurece o pano e impossibilita que vejamos através dele.

Deixe, portanto, a mente livre e solta para observar o novo e tecer ela própria o pano da realidade, este sim isento de paradigmas, porque está sempre mudando.

A Quebra de Paradigmas e o Salto Quântico

- *Tiago A. S. Sowmy* -
(28/03/2001)

O orbital de um elétron é definido como a somatória das regiões em que você pode encontrá-lo num determinado instante. Se dermos a ele um pouco de energia ele vai dar um salto; um salto definido como quântico, pois *quantum* é a quantidade de energia que ele necessita para dar esse salto.

Depois do salto, o seu orbital muda. As regiões que ele passa a percorrer são outras, e outras são as suas trajetórias e possibilidades.

Assim também é a consciência. Ela está presa a paradigmas que lhe mostram apenas algumas possibilidades. Quando a consciência recebe um impulso, ou através de um raciocínio, ou através do Amor, esta dá um salto quântico (tem um “insight”) que a muda de posição.

E agora, assim como o elétron, ela irá percorrer possibilidades diferentes e aprenderá trajetórias novas, descobrindo um novo universo a sua volta. Continuará, porém, carregando consigo as experiências passadas, pois estas fazem parte de sua bagagem e de sua essência.

As descobertas de novas vias ou as quebras de um paradigma ocorrem devido à criatividade, que irá ser exercida se a consciência tiver uma mente livre e amorosa.

Texto IV

- *Tiago A. S. Sowmy* -
(29/03/2001)

Olá amigo!

Estou te escrevendo só para dizer que o sorriso existe, que você é imortal, que dentro de você existe algo que nunca morre.

Você gosta de conversar? Quantas vezes parou para ouvir?
Você gosta de rir? Quantas vezes riu de si mesmo?
Você gosta de ter amigos? Quantas vezes foi amigo?
Poderia ficar enumerando uma série de perguntas para você, meu amigo, mas de nada adiantará se você não as ouvir.
Vamos fazer o seguinte: você se questionará e encontrará a resposta em si mesmo.
Mas você terá coragem de se questionar? Ou ainda, terá coragem de ouvir as suas respostas? E descobrir que ainda falta muito?
Ah meu amigo, não fique triste se as respostas não forem as desejadas, fique feliz de as conhecer e as estude. Veja se é possível mudá-las.
No seu coração habitam um mundo de sensações desconhecidas para você, deixe-as vir e aprenda com elas.
Não seja dono de seu coração, deixe que ele seja seu dono!
Descubra as verdades da vida nas atitudes simples que ele te pede.
Seja humilde como ele sempre foi esperando que você o deixasse falar e siga com ele te guiando como um mestre.
Não o agrida com baixas emoções! Deixe ele respirar fundo o carinho que existe no mundo!
Seja um avatar do seu coração e tudo será mais fácil.
Que o amor que nele existe seja capaz de acalmar sua mente e matar o seu orgulho!
Deixe que ele ame o próximo!
Deixe ele viver!

Um abraço a todos os corações humildes que estão reprimidos por nossa mente e nosso orgulho.

Obrigado pelo carinho que me guarda.

Texto V

- *Tiago A. S. Sowmy* -
(02/04/2001)

"Bem-aventurados os aflitos, porque Deus os consolará"

Bom dia, meu amigo!

Posso te fazer uma pergunta? É simples, e não exige de você conhecimentos superiores aos que você adquiriu ao longo de sua vida.

O que você sentiria se eu te dissesse que morrerá agora?

Sim, esta é a pergunta. Como se sentiria?

Nunca pensaste nela, não é?

E o mais engraçado é que fugirias dela respondendo com outra pergunta: por que me perguntas isso?

Bom, essa resposta é típica das pessoas que não querem pensar e sentir por si mesmas. Mas eu vou ajudá-lo a compreender a natureza desta pergunta.

Veja a sua vida inteira diante de seus olhos:

O que você buscou?

O que você sentiu?

Você agiu de acordo com os seus sentimentos? Ou você agiu de acordo com a sua insegurança?

Quantas vezes você pisou em seu irmão para se afirmar? E quando foi pisado, achou-se injustiçado?

Quantas vezes reclamou da providência divina? E quantas vezes providenciou algo aos menos favorecidos, seja de condições materiais ou espirituais?

Percebeu do que eu quero lhe falar? Não? Então mais uma vez vou lhe responder:

Estou falando do seu orgulho, de sua falsa impressão de que é superior, de que pode mais que todos, e de que todos, inclusive Deus*, lhe devem algum favor só pelo fato de você existir.

Caro amigo, quantas vezes procurou consolar? Mas acha que todos devem lhe consolar.

Quantas vezes amou? Mas acha que todos lhe amam.

Pense: Valeu a pena viver, se não houve amadurecimento, mas apenas um crescimento de seu ego?

Sua vida lhe traz alegria ou pesares?

Suas amizades são espontâneas ou interesseiras?

Amigo, deixe brotar de seu coração todas as respostas. E permita que elas lhe direcionem a vida e suas atitudes. Seja sincero consigo e com seus amigos, e assim será fiel a Deus*. E ele te consolará.

* - entenda por Deus aquilo que mais lhe convier (consciência cósmica, Brahman, causa primária...)

<u>Leitura recomendada</u>: - Matheus - capítulo 5, versículos 1 a 12
capítulo 19, versículos 16 a

22.

- Oração de São Fancisco de Assis

Só a experiência direta é o meio

- Swami Rama -
(extraído do livro "Vivendo com os Mestres do Himalaia", Ed. Pensamento)

Um dia, meu mestre ordenou-me que me assentasse. E perguntou:

- És um rapaz ilustrado?

Eu tinha liberdade para dizer-lhe qualquer coisa, por mais ultrajante que fosse. Aquele era o único lugar em que eu podia ser completamente franco. E nunca me desculpava, sem embargo do que lhe tivesse dito. Ele costumava apreciar minha insensatez.

- É claro que sou ilustrado, - repliquei.

- Que aprendeste e quem to ensinou? - perguntou ele. - Explica-mo! Nossa mãe é nossa primeira mestra, depois nosso pai, depois nossos irmãos e irmãs. Mais tarde aprendemos com os companheiros de folguedos, com os professores da escola e com os autores de livros. Seja o que for que tenhas aprendido, não aprendeste uma única coisa independentemente de outros. Até agora, tudo o que aprendeste foi uma contribuição de terceiros. E com quem aprenderam eles? Também aprenderam com outros. No entanto, como resultado de tudo isso, julgas-te ilustrado. Tenho pena de ti porque nada aprendeste independentemente. Pelo visto, chegaste à conclusão de que nada existe no mundo que se pareça com o aprendizado independente. Tuas idéias são idéias alheias.

- Esperai um minuto, deixai-me pensar, - disse eu.

Era chocante dar-me conta de que nada do que eu aprendera me pertencia. Se vos puserdes em meu lugar, é muito provável que experimenteis o mesmo sentimento. O conhecimento de que dependeis não vos pertence de modo algum. Eis porque não é satisfatório, por maior que seja a quantidade dele assimilada por vós. Ainda que tenhais dominado uma biblioteca inteira, ele nunca vos satisfará.

- Nesse caso, como posso ser iluminado? - perguntei.

- Fazendo experiências com o conhecimento que adquiriste de fora, - respondeu ele. - Descobre por ti mesmo, com a ajuda de tua experiência direta. Chegarás, por fim, a uma fase decisiva e proveitosa da tua experiência direta. Está visto que o conhecimento indireto é informativo, mas não é satisfatório. Todas as pessoas sábias, no correr da história, realizaram ingentes esforços para conhecer a verdade diretamente. Não se satisfaziam com as simples opiniões dos outros. Não se deixavam amedrontar nem desviar dessa investigação pelos defensores da ortodoxia e do dogma, que as perseguiam e, às vezes, executavam porque suas conclusões eram diferentes.

Desde essa ocasião tenho tentado seguir-lhe o conselho. Descobri que a experiência direta é a prova final da validade do conhecimento. Quando se conhece a verdade diretamente, tem-se o melhor tipo de confirmação. A maioria de vós procura os amigos e expõe o seu ponto de vista. Está procurando confirmação nas opiniões deles. Seja o que for que pensais, quereis que outros o confirmem concordando convosco e digam: "Sim, o que pensais está certo". Mas a opinião de um terceiro não constitui prova da verdade. Quando conheceis a verdade diretamente, não precisais interrogar os vizinhos nem o professor. Não precisais procurar a confirmação nos livros. A verdade espiritual não necessita de uma testemunha externa. Enquanto duvidardes, a própria dúvida será indicação de que ainda precisais conhecer. Palmilhai o cominho da experiência direta até atingir o estado em que

tudo é claro, até que todas as vossas dúvidas estejam esclarecidas. Só a experiência direta tem acesso à fonte do verdadeiro conhecimento.

O conhecimento verdadeiro elimina o sofrimento

- *Swami Rama* -
(extraído do livro "Vivendo com os Mestres do Himalaia", Ed. Pensamento)

A autoconfiança é importante. Adquirimo-la quando começamos a receber experiências diretamente de dentro de nós. Está claro que precisamos de um mestre, de um guia. Não estou dizendo que não devemos aprender coisas com outras pessoas, que não devemos estudar nos livros. Mas conheci criaturas que nem sequer conheciam o alfabeto e, no entanto, quando encontrávamos alguma dificuldade na compreensão de uma verdade profunda ou de um texto qualquer dos livros sagrados, eram as únicas capazes de aventar uma solução.

Certa vez, eu estava ensinando as *Sutras de Brahma*, um dos livros mais abstrusos da literatura védica. Explicava aos meus alunos aforismos que eu mesmo não compreendia direito, e eles pareciam satisfeitos. Mas eu não estava. Por isso mesmo, à noite, fui procurar um *swami* que, na realidade, não estudara os livros santos. Não sabia sequer assinar o nome, mas seus conhecimentos eram inigualáveis. Disse-me ele:

-Nunca entenderás esses concisos aforismos se não tiveres experiência direta.

E contou-me esta história para ajudar-me a compreender a diferença entre o conhecimento direto e o indireto:

-Um mestre tinha um aluno que nunca vira uma vaca e nunca provara leite. Mas sabia que o leite era nutritivo. Por isso, desejava encontrar uma vaca, ordenhá-la e tomar o leite.

"- Procurou o seu mestre e perguntou-lhe:

"- Sabeis alguma coisa a respeito de vacas?

"- Naturalmente. - respondeu o mestre.

"- Por favor, descrevei-me uma vaca, - pediu o aluno.

"E o mestre descreveu a vaca:

"-A vaca tem quatro pernas. É uma animal manso, dócil, que não se encontra na floresta, mas nas aldeias. O leite dela é branco e muito bom para a saúde.

"E continuou descrevendo a cauda, as orelhas, tudo.

"Depois dessa descrição, o aluno saiu à procura de uma vaca. A caminho, deu com a estátua de uma vaca. Examinou-a e pensou: ´ Isto há de ser, sem dúvida, o que meu mestre me descreveu.´ Naquele dia, algumas pessoas que moravam nas proximidades estavam casualmente caiando sua casa e deixaram um balde de cal perto da estátua. O aluno viu o balde e concluiu: ´Este deve ser o leite que dizem ser tão bom para se tomar.´Ingeriu um pouco de cal, sentiu-se malíssimo, e precisou ser transportado para o hospital.

"Depois que se recuperou, voltou para junto do mestre e acusou-o cheiro de ira:

"- Não sois mestre nenhum!

"- Que aconteceu? - indagou o mestre.

"O aluno replicou:

"- Vossa descrição da vaca estava completamente errada.

"- Que te sucedeu?

“Ele explicou o que ocorrera e o mestre perguntou:
“- Tu mesmo ordenhaste a vaca?

“- Não.

“- Por isso sofreste.”

A causa do sofrimento entre os intelectuais de hoje não é porque realmente não saibam. Sempre sabem um pouco. Mas o que sabem não é conhecimento próprio, e por isso sofrem. Um conhecimento reduzido ou parcial é sempre perigoso, como as verdades parciais. Uma verdade parcial não é verdade. O mesmo acontece com o conhecimento parcial. Os sábios percebem a verdade diretamente.

O sábio que não conhecia o alfabeto de idioma nenhum sempre esclarecia minhas dúvidas. O estudo sistemático sob a orientação de um mestre competente, que tenha desenvolvido os próprios talentos, ajuda a purificar o ego; de outro modo, o conhecimento dos textos sagrados torna a pessoa egoísta. O homem que hoje se chama intelectual limita-se a colher fatos de vários livros e textos. Saberá realmente o que está fazendo? Alimentar o intelecto com tais conhecimentos é o mesmo que comer comida sem valor alimentício. Quem ingere constantemente esse tipo de comida adoece e adoece os outros. Conhecemos muitos mestres, e todos ensinam bem, mas o aluno só assimila o que é puro, sem mistura, e vem diretamente de mestres sabedores por experiência própria.

O Ego e o Medo

- Swami Sivananda -

(Texto extraído do livro “Concentração e Meditação”, Ed. Pensamento)

Algumas pessoas não temem os tigres da floresta. Algumas pessoas não têm medo dos tiros num campo de batalha. No entanto, têm pavor da opinião pública. O medo da opinião pública atrapalha o caminho do aspirante ao progresso espiritual. Ele deverá ater-se aos seus próprios princípios, às suas próprias convicções, muito embora seja perseguido e muito embora esteja a ponto de ser feito em pedaços em frente à boca de um canhão. Apenas assim crescerá e compreenderá. Todos os aspirantes sofrem desta moléstia funesta que é o medo. O medo de todos os tipos deverá ser totalmente erradicado por Atma-Chintana*, por Vichara**, pela devoção e pelo culto da qualidade oposta: a coragem. O positivo vence o negativo. A coragem vence a timidez e o medo.

Para que eu compreendesse completamente o segredo sutil da atuação da mente, passaram-se anos. Através do poder de imaginação, a mente causa estragos. Medos imaginários diversos, o exagero, as histórias inventadas, as dramatizações mentais, a construção de castelos no ar, tudo isso se deve ao poder da imaginação. Até mesmo um homem perfeito e saudável tem alguma doença imaginária ou qualquer outra devido ao poder de imaginação da mente. Um homem pode ter um pouco de fraqueza ou Dosha (falta). Quando ele se torna seu inimigo, você logo exagera e enfatiza a sua fraqueza e Dosha. Você até mesmo acrescenta ou conta histórias sobre muitas fraquezas mais e Doshas. Isso se deve ao poder da imaginação. Perde-se muita energia por conta dos medos imaginários.

* chintana: pensando, refletindo.
** vichara: discriminação.

REFERÊNCIAS

Bibliografia Recomendada:

- "Os Semeadores de Vida"
  C. R. P. Wells
  Ed. Ícone

- "Viveka Chuda Mani (A Jóia Suprema do Discernimento)"
  Shankara
  Ed. Pensamento

- "A Estrutura das Revoluções Científicas"
  Thomas Kuhn
  Ed. Perspectiva

- "O Que é Ciência Afinal?"
  A. F. Chalmers
  Ed. Brasiliense

Vídeo:

- "Descobrindo o Futuro (*Discovering the Future - The Business of Paradigms)*"
  Joel A.Barker

Cd´s utilizados:

- "Yin Tao"
  Sayama

- "Tranquility
  Hennie Bekker
  Grav: Northsound

- "River of Stars"
  2002

-



“ Transcendence”
Robie Miller
Grav: Transcendence Music

“*Eu não penso, eu sinto!* “